

A reconfiguração da personagem Judas Iscariotes no evangelho de Judas: um itinerário gnóstico

The reconfiguration of the character Judas Iscariot in the Gospel of Judas: a Gnostic itinerary

Franklin Alves Pereira¹

Submetido em 12/11/2025

Aceito em 17/12/2025

RESUMO

O artigo analisa a reinterpretação de Judas Iscariotes no Evangelho de Judas, texto gnóstico do século II. Seu objetivo é compreender como a obra transforma o traidor em herói, articulando teologia e narrativa. Utiliza metodologia histórico-crítica e análise narrativa inspirada na Escola de Tel Aviv. O estudo mostra que o texto descreve um itinerário gnóstico de despertar, purificação e retorno. A “traição” é vista como ato de libertação espiritual. Conclui que o evangelho legitima a visão gnóstica frente à ortodoxia cristã.

Palavras-chave: Judas Iscariotes, Evangelho de Judas, gnosticismo, análise narrativa, cristianismo primitivo.

ABSTRACT

The article examines the reinterpretation of Judas Iscariot in the Gospel of Judas, a Gnostic text from the 2nd century. Its aim is to understand how the work transforms the traitor into a hero, combining theology and narrative. It applies historical-critical and narrative analysis inspired by the Tel Aviv School. The study shows that the text presents a Gnostic itinerary of awakening, purification, and return. The “betrayal” is seen as an act of spiritual liberation. It concludes that the gospel legitimizes the Gnostic worldview in contrast to Christian orthodoxy.

Keywords: Judas Iscariot, Gospel of Judas, gnosticism, narrative analysis, early Christianity.

1 Doutor em Teologia pela Pontifícia Universitas Gregoriana. Docente na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Brasil.
E-mail: franklin_sj@yahoo.com.br

1. Introdução

A primeira menção atestada à existência de um evangelho atribuído a Judas Iscariotes se encontra na obra contra as heresias, redigida por Irineu de Lyon por volta de 180 d.C. Com base na referência de Irineu, a produção do Evangelho de Judas pode ser situada no período entre 140 e 160 d.C. O contexto situacional que motivou a composição do texto parece estar relacionado a um conflito doutrinário entre as correntes consideradas “ortodoxas” e aquelas designadas como “heterodoxas” no interior do cristianismo primitivo. Irineu critica um grupo que, fundamentando-se nesse evangelho, reivindicava possuir um domínio superior do conhecimento. Segundo essa perspectiva, Judas teria recebido de Jesus um ensinamento esotérico que o distinguia dos demais apóstolos, conferindo-lhe uma missão singular. Tais elementos são característicos de grupos gnósticos, o que permite situar a obra nesse ambiente teológico e intelectual. É relevante observar, contudo, que a autoria judaica direta foi descartada pela pesquisa contemporânea. Então, o texto foi pseudepigraficamente atribuído a Judas Iscariotes, o que suscita um importante questionamento: qual seria a função e a intenção teológica subjacente à composição do chamado Evangelho de Judas? Para abordar essa questão, faz-se necessário um exame mais detido do texto e de suas particularidades.

2. O texto e sua transmissão

O texto original do Evangelho de Judas teria sido redigido em grego, contudo, o testemunho manuscrito atualmente disponível está na língua copta, datando provavelmente do século III. O documento integra o chamado códice Tchacos, que contém, além do Evangelho de Judas, a Carta de Pedro a Filipe, o Apocalipse de Tiago e um fragmento do texto intitulado Alógenes. O manuscrito foi descoberto no Egito, na década de 1970, mas somente em 2001, Frieda Nussberger-Tchacos confiou o material à Fundação Mecenaz de Arte Antiga, na Suíça, para que fossem realizados trabalhos de conservação, análise paleográfica e tradução. O códice recebeu sua denominação em homenagem ao pai de Frieda. Embora o códice Tchacos se encontre incompleto, com a ausência de várias páginas, o texto do Evangelho de Judas, ainda que apresente lacunas, permite uma leitura e compreensão substanciais. Em 2006, a National Geographic Society publicou uma edição traduzida e comentada do texto, a qual, não obstante críticas pontuais de especialistas (Deconick, 2008, p. 239-264) serviu como base textual fundamental para o presente estudo.

3. Um evangelho gnóstico

A atribuição do Evangelho de Judas a círculos gnósticos sustenta-se na análise de seus temas centrais, nos quais as figuras de Judas e Jesus são mobilizadas para veicular uma concepção de salvação baseada no autoconhecimento de uma luz divina interior. Cabe observar, contudo, que o termo gnosticismo abrange um espectro diversificado de correntes de pensamento, sendo mais preciso referir-se a grupos gnósticos. A descoberta da biblioteca de Nag Hammadi representou um marco para os estudos

modernos, permitindo uma compreensão mais nuançada desses movimentos e suas particularidades doutrinárias (Assis, 2019, p. 15). A partir desse corpus, seria possível identificar características recorrentes que fornecem uma chave hermenêutica fundamental para a leitura do Evangelho de Judas, texto este que pode ser compreendido como uma produção gnóstica destinada a um público gnóstico iniciado.

Uma primeira característica estruturante, que podemos designar como cosmologia dualista e demiúrgica, postula que o mundo material não é obra do Deus supremo e transcendente, mas de uma divindade inferior, frequentemente identificada como o Demiurgo. Este arquiteto do cosmos material seria distinto do Pai verdadeiro, a quem não se deve culto, mas superação. Neste sistema, certos seres humanos são portadores de uma centelha divina que se encontra aprisionada no mundo inferior. O objetivo soteriológico último seria a libertação dessa centelha e o seu retorno ao pleroma, o domínio superior de origem. Uma segunda característica, que concerne à soteriologia do conhecimento, descreve o processo pelo qual os portadores da centelha divina logram o retorno ao domínio superior. O mecanismo central dessa libertação seria a gnosis: um conhecimento revelado e simultaneamente autorrevelador acerca da natureza do Deus verdadeiro e da identidade profunda da própria pessoa. Este conhecimento não seria de ordem racional, mas uma iluminação que se adquire mediante a intervenção de um enviado celeste, um redentor oriundo do mundo superior. Para os grupos gnósticos de matriz cristã, Jesus Cristo era precisamente este emissário divino, cuja missão primordial não era a expiação de pecados através de um sacrifício físico, mas a transmissão da gnosis libertadora dos eleitos. Uma terceira característica, que podemos intitular de a função do riso no drama da revelação, emerge como um motivo literário e teológico significativo. Textos como o apócrifo de João, sobre a origem do mundo, o segundo tratado do grande Seth, o Apocalipse de Pedro e o próprio Evangelho de Judas recorrem à imagem do riso de figuras transcendentais. Este riso não seria meramente lúdico ou emocional, mas opera como um sinal de superioridade gnóstica, ou seja, um gesto de desprezo pela ordem criada pelo Demiurgo e um catalisador do despertar espiritual. No contexto do Evangelho de Judas, o riso de Jesus perante a ignorância dos discípulos dele serve para marcar a distinção entre a percepção ordinária e o conhecimento superior que será partilhado com Judas.

Estas três características – a cosmologia dualista, a soteriologia baseada na gnosis e a função desveladora do riso – não são elementos estanques, mas inter-relacionam-se de forma dinâmica no interior da narrativa. O riso, em particular, atua como um estímulo que desperta a centelha divina no eleito, dando início ao processo cognitivo de libertação do mundo material e de ascensão em direção ao domínio superior. No Evangelho de Judas, essa dinâmica seria personificada na relação entre Jesus e Judas, onde o riso sinaliza o momento de transição para a revelação dos mistérios cósmicos, consolidando a missão especial de Judas dentro do esquema soteriológico gnóstico. Antes de olharmos para o Judas do evangelho de Judas, vamos ver Judas na tradição neotestamentária.

4. A personagem Judas Iscariotes na tradição neotestamentária

A figura de Judas Iscariotes aparece nos quatro evangelhos canônicos e nos Atos dos Apóstolos, sendo perceptível uma evolução na caracterização de sua persona e, sobretudo, na explicitação dos motivos de sua traição ao longo da tradição sinótica e joanina.

Uma análise diacrônica dos textos revela um gradativo aprofundamento teológico e psicológico na representação do ato traiçoeiro, transcendendo a mera narrativa factual para adentrar o âmbito da causalidade sobrenatural e do conflito cósmico.

No evangelho segundo Marcos, considerado pela crítica textual como o mais antigo, Judas toma a iniciativa de procurar os sumos sacerdotes para lhes entregar Jesus (Mc 14,10-12). Estes, por sua vez, alegram-se com a proposta e prometem-lhe dinheiro. No momento da prisão, no Getsêmani, Judas identifica Jesus com um beijo, ato que concretiza a traição (Mc 14,43-46). A motivação de Judas permanece implicitamente relacionada ao dinheiro, embora o texto não detalhe negociações. O narrador limita-se a registrar a iniciativa do discípulo.

O evangelho de Mateus oferece um significativo acréscimo de detalhes, tornando explícita a motivação financeira. Judas não apenas procura as autoridades, mas pede dinheiro (Mt 26,14-16). O preço seria estabelecido em trinta moedas de prata. Apenas em Mateus encontramos a narração que fala do suicídio de Judas por enforcamento, bem como a transação final com as moedas de prata, utilizadas para a compra do “campo do oleiro” (Mt 27,3-10).

Uma mudança qualitativa na explicação da traição ocorre no evangelho de Lucas. A motivação deixa de ser puramente avarenta para adquirir uma dimensão demoníaca, pois o texto diz que Satanás entrou em Judas. A ação de Judas seria, portanto, atribuída a uma força externa e maligna. O dinheiro, embora aceito, parece secundário como motor principal do evento (Lc 22,3-6).

A cristologia joanina eleva ainda mais esse patamar de interpretação. Judas aparece precocemente identificado por Jesus como “um diabo” (Jo 6,70). A traição seria, mais uma vez, obra de Satanás (Jo 13,2,27).

Por fim, o relato da morte de Judas nos Atos dos Apóstolos (At 1,15-20) diverge do de Mateus, apresentando uma versão mais grotesca: com o preço da iniquidade, Judas adquire um campo, onde, caindo de cabeça, arrebenta-se pelo meio, derramando suas entranhas. Esta imagem visceral pode ser lida simbolicamente, sugerindo que o que moveu Judas não foi a compaixão que, no mundo bíblico, aparece associada às “entranhas” ou vísceras, mas a saída violenta do poder satânico que nele habitava. Alternativamente, poderia simbolizar um excesso desordenado e mal direcionado de compaixão vivido por Judas: um sentimento visceral que não foi educado pelo discipulado, conforme exemplificado nas parábolas sobre a compaixão em Lucas (Lc 10,29-37; 15,1-32).

Em síntese, cada relato, inserido em seu contexto literário e situacional, constrói uma resposta teologicamente orientada à pergunta: Por que Judas traiu Jesus? Em todos os cenários canônicos, Judas emerge inequivocamente como uma figura vilanesca, o antagonista por excelência do drama salvífico. Este pano de fundo torna a reavaliação proposta pelo Evangelho de Judas ainda mais impactante. O texto extra-canônico parece operar uma translação hermenêutica fundamental: desloca o foco da questão “por que Judas traiu?” para “para que ele entregou Jesus?”. Seria a finalidade última deste evangelho gnóstico resinificar a traição, transformando Judas de vilão em herói de um drama cósmico superior? Vamos ver o Judas do evangelho de Judas.

5. A reconfiguração de Judas no evangelho de Judas

Uma leitura preliminar da tradução publicada pela National Geographic sugere uma reinterpretação radical da figura de Judas Iscariotes, apresentando-o não como um vilão, mas como uma figura heroica. Como observa Meyer “o Judas Iscariotes do Evangelho de Judas é o traidor de Jesus, mas é ao mesmo tempo o herói do texto” (Meyer, 2006, p. 3). Sob essa ótica, a finalidade do texto extra-canônico operaria, de fato, uma translação hermenêutica fundamental: desloca o eixo da questão “por que Judas traiu?” para “para que ele traiu?”. Percorreremos a narrativa mantendo esta chave interpretativa em horizonte. Então, vamos ver o evangelho de Judas com o olhar da análise narrativa seguindo a escola de Tel Aviv que divide a narrativa em dois níveis – mundo do narrador e mundo da narração – e trabalha com os universais da narração: curiosidade, suspense e surpresa.

O Evangelho de Judas se configura como uma narrativa cuidadosamente articulada, composta por introdução, desenvolvimento da trama, interações entre personagens, crescimento da tensão narrativa, clímax, desfecho e conclusão. Na introdução, o leitor é situado no tempo: três dias antes da Páscoa, Jesus encontra-se com Judas e lhe transmite uma revelação de caráter secreto. Esse elemento provoca estranhamento no receptor, uma vez que o texto evidencia um encontro particular entre Jesus e seu suposto traidor, dias antes da crucificação. Um suspense narrativo parece imediatamente estabelecido, na medida em que se revela que Jesus confidenciou um segredo justamente àquele que o entregaria. Ademais, o conhecimento prévio que o leitor possui sobre a figura de Judas, a partir dos evangelhos canônicos, gera uma expectativa e uma curiosidade narrativa acrescidas. Essa abertura, que mobiliza os universais da narração, ou seja, curiosidade, suspense e surpresa (Sonnet, 2008, p.71-72) confere ao texto uma extraordinária construção narrativa.

Após situar o leitor no contexto temporal – três dias antes da Páscoa –, a narrativa se inicia com Jesus encontrando seus discípulos em oração de ação de graças. O riso de Jesus, reação que perpassa todo o evangelho, desperta a inquietação dos discípulos: “Mestre, por que ris da [nossa] prece de ação de graças?”. A resposta de Jesus parece reveladora: ele ridiculariza o ato, afirmando que eles louvam um deus inferior: “porque é por meio disto que vosso deus [será] louvado”. A réplica dos discípulos, “Mestre, tu és o filho do nosso deus”, é prontamente rejeitada por Jesus, que declara: “como me conheceis? Nenhuma das gerações das pessoas que estão entre vós me conhecerá”. Este diálogo estabelece uma clivagem teológica: os discípulos representam os cristãos “ortodoxos” que adoram o Deus criador do Antigo Testamento, enquanto Jesus alude ao Deus verdadeiro e transcendente do pleroma gnóstico. A reação dos discípulos – “começaram a se encolerizar e a se enfurecer e começaram a blasfemar contra ele em seus corações” – sinaliza sua incompreensão espiritual. O riso de Jesus não desperta a centelha divina neles, pois eles não a possuem.

Jesus então profere um desafio: “Vosso deus está dentro de vós [...] provocou a cólera em vossas almas. [Se] qualquer um entre vós é [forte o bastante] entre os seres humanos, exteriorize o humano perfeito e se poste perante o meu rosto”. É neste momento que Judas se destaca. Ele se levanta e, postando-se diante de Jesus – ainda que evitando seu olhar –, profere uma confissão gnóstica: “Eu sei quem és e de onde vieste. És do reino imortal de Barbelo. E eu não sou digno de proferir o nome daquele que te enviou”.

Esta declaração marca Judas como o único que possui a gnosis necessária. Jesus, então, convida Judas aos mistérios superiores: “eu te contarei os mistérios do reino. É possível que tu os alcances, mas vais afligir-te muito. Porque outra pessoa vai te substituir”. O suspense narrativo se intensifica, e Judas permanece como o arquétipo do gnóstico iluminado. A narrativa prossegue com uma alternância de cenas entre Jesus, os discípulos e Judas, possivelmente refletindo o contexto situacional de conflito entre comunidades “ortodoxas” e “gnósticas”.

O clímax da narrativa ocorre no que se pode interpretar como o terceiro e último encontro. Judas relata uma “visão suprema”, e Jesus, rindo, dirige-se a ele como “décimo terceiro espírito”. Esta designação, aparentemente elogiosa, pode situar Judas em uma posição superior aos doze. A tensão atinge seu ápice com a pergunta crucial de Judas sobre seu próprio destino: “Mestre, será que a minha semente está sob o controle dos governantes?”. A resposta de Jesus é decisiva para a reavaliação de seu papel: “tu te transformarás do décimo terceiro, e serás amaldiçoado pelas outras gerações e chegarás a governá-las. Nos últimos dias condenarão tua ascensão à [geração] sagrada”. Segue-se uma extensa revelação cosmológica, após a qual Jesus explicita a missão única de Judas: “Mas tu suplantarás a todos eles. Pois sacrificarás o homem que me veste”. Judas, portanto, não aparece como um traidor, mas o agente necessário para a libertação do espírito de Jesus de sua prisão corporal.

O desfecho consagra essa reinterpretação. Judas entra em uma nuvem luminosa, de onde emerge uma voz – uma clara alusão às teofanias dos evangelhos canônicos, a transfiguração. Embora o manuscrito esteja danificado nessa passagem, o contexto sugere um tom de aprovação divina. A cena final, em que Judas entrega Jesus aos sacerdotes, agora ganha um novo significado: Judas emerge como o herói gnóstico, cujo ato de entrega seria, na verdade, um ato de libertação cósmica. Judas não seria, então, um traidor e sim aquele que entrega Jesus ao plano superior.

Portanto, se aceitarmos a leitura possibilitada pela edição da National Geographic, conclui-se que o Evangelho de Judas efetua um deslocamento hermenêutico. Enquanto os textos canônicos investigam a causa da traição – por que - o texto gnóstico revela sua finalidade soteriológica – para que. O ato de Judas, longe de ser movido por cobiça ou influência satânica, torna-se o gesto supremo de gnosis, liberando o Cristo divino de sua jaula material. Nesta ótica, Judas aparece como o alter ego de Jesus, o herói instrumental no drama da redenção. Uma leitura como esta só se torna inteligível quando contextualizada no horizonte de compreensão do conflito teológico entre gnosticismo e ortodoxia.

6. O itinerário gnóstico no evangelho de Judas

A narrativa do Evangelho de Judas pode ser lida como a dramatização de um itinerário espiritual típico dos sistemas gnósticos, no qual a figura de Judas encarna o arquétipo do eleito que percorre as etapas de despertar, purificação e retorno. A aplicação de ferramentas de análise narrativa, à luz da abordagem desenvolvida pela Escola de Tel Aviv – que enfatiza a estrutura funcional dos personagens e a sequência de transformações ao longo do enredo –, permite iluminar como o texto constrói Judas não apenas como personagem, mas como um modelo do percurso gnóstico, destinado a instruir e legitimar a comunidade para a qual foi escrito. Desse modo, “tais relatos revelam o

pensamento gnóstico que afirmava não ser necessário hierarquia eclesial para se chegar à salvação” (Faria, 2009, p. 239). Passemos às etapas do percurso gnóstico.

Despertar: reconhecimento e revelação como ato inaugural. O despertar corresponde à instância liminar em que o personagem transita de um estado de ignorância para o reconhecimento de sua origem e natureza divina. No Evangelho de Judas, este momento é construído narrativamente através de um diálogo que estabelece uma clivagem decisiva. A declaração de Judas – “Eu sei quem és e de onde vieste. És do reino imortal de Barbelo”. Funciona como o ato performativo que inaugura o processo gnóstico. Esta confissão não é apenas um reconhecimento da identidade transcendente de Jesus, mas também um autorreconhecimento: ao identificar corretamente a proveniência de Jesus, Judas demonstra possuir em si mesmo a centelha que o capacita a tal conhecimento. Sob uma ótica narrativa, seguindo aportes da Escola de Tel Aviv, este é o momento de qualificação do herói. Judas se distingue funcionalmente do grupo indiferenciado dos discípulos, que representam a geração adormecida, vinculada ao Demiurgo através de ritos inadequados. O contraste dramático evidencia a divisão hermenêutica entre as comunidades, situando o texto em seu contexto situacional de polêmica intra-cristã. Conceitualmente, este despertar alude ao súbito despertar da centelha divina, o momento em que o eleito toma consciência de seu exílio e de sua destinação superior.

Purificação: separação e o sacrifício como rito de passagem. A etapa de purificação, na linguagem gnóstica, não se refere a uma ascese moral convencional, mas a um processo de progressiva desalienação do mundo material. Narrativamente, isto se concretiza na separação de Judas do coletivo. Jesus isola-o dos demais e anuncia: “tu sacrificarás o homem que me veste”. Esta expressão carrega uma dupla ressonância: por um lado, prenuncia o ato histórico da traição que levará à crucificação do corpo físico de Jesus, mas por outro, metaforiza o ato cosmológico de libertação do espírito de sua prisão carnal. Sob a perspectiva funcional da narrativa, este é o momento da prova central do herói. O que a tradição canônica interpreta como traição vil, o texto gnóstico reinterpreta como um sacrifício necessário, um rito de passagem que opera a catalise da purificação. O sofrimento anunciado por Jesus (“tu vais afligir-te muito”) e a maldição que Judas carregará das “outras gerações” inscrevem esta purificação na lógica do exílio e da marginalidade. O gnóstico, tal como Judas, ocupa uma posição anômala no mundo e seu sofrimento testemunha sua diferente pertença ontológica.

Retorno: ascensão e reintegração no pleroma. O ápice do itinerário é o retorno ao pleroma, o domínio da luz. Na narrativa, este momento é simbolizado pela cena visionária da nuvem luminosa. Judas, “erguendo os olhos, viu a nuvem luminosa e entrou nela”. Uma voz emerge da nuvem, e, apesar das lacunas textuais, a iconografia é inequívoca: trata-se de uma epifania de reintegração, um motivo recorrente em textos gnósticos como o apocalipse de Paulo ou a ascensão de Isaías. Narrativamente, este é o momento da sanção e da transfiguração do herói. A voz celestial confirma o sucesso da missão de Judas e sua ascensão à “geração sagrada”. A reintegração não é meramente individual, mas possui um caráter paradigmático. Judas torna-se o modelo a ser emulado pelo leitor gnóstico: seu percurso – do reconhecimento inicial, passando pela provação do sacrifício e culminando na ascensão – traça o mapa da jornada da alma iluminada em sua fuga do cosmos arcontal e em seu retorno à unidade primordial.

A análise do Evangelho de Judas através da lente do itinerário gnóstico e de ferramentas narrativas demonstra que o texto é, de fato, uma obra escrita por gnósticos para

gnósticos. A personagem de Judas é funcionalmente elaborada para corporificar as etapas do caminho salvífico. Ele não é um traidor, mas o agente de um drama cósmico cuja função é despertar, purificar-se através de um ato ritualizado de traição-sacrifício e, finalmente, retornar ao divino, servindo assim como um arquétipo completo para a autocompreensão da comunidade a que o texto se destinava.

7. Um itinerário gnóstico ou mistagógico?

O cristianismo primitivo caracterizou-se por uma notável diversidade de correntes teológicas e espirituais, entre as quais se destacam a tradição proto-ortodoxa — que viria a consolidar-se como ortodoxia — e os movimentos gnósticos. Ambas as correntes desenvolveram modelos de iniciação e progressão espiritual, ainda que baseados em pressupostos radicalmente distintos. Façamos uma análise comparativa entre o modelo mistagógico, adotado e desenvolvido pela grande Igreja, e o itinerário gnóstico, tal como aparece no evangelho de Judas. A proto-ortodoxia teria escolhido conscientemente o caminho mistagógico, inspirando-se em elementos dos cultos místéricos, como oposição ao mundo gnóstico?

A mistagogia cristã, tal como praticada pelos Padres da Igreja — como Cirilo de Jerusalém, João Crisóstomo e Ambrósio de Milão —, constitui um processo de iniciação comunitário, sacramental e histórico. Seu objetivo seria introduzir o fiel no Mistério de Cristo, celebrado nos sacramentos, especialmente no Batismo, Confirmação e Eucaristia. O método adotado seria: uma pedagogia que parte dos sinais sensíveis para conduzir à experiência do divino. Apesar de utilizar termos como *mystagogia* — de origem grega e associado aos cultos de mistério — a Igreja esvaziou-os de seu conteúdo, utilizando a linguagem cultural de seu tempo para comunicar uma fé baseada na encarnação-morte-ressurreição de Jesus. No que diz respeito ao itinerário gnóstico no evangelho de Judas temos: desperta para o reconhecimento da origem divina de Jesus e de si mesmo; purifica-se ao aceitar a missão de sacrificar o homem que veste Jesus; ascende simbolicamente ao entrar na nuvem luminosa, retornando ao pleroma.

Então, temos dois caminhos em confronto: mistagogia versus gnose. É plausível afirmar que a proto-ortodoxia elegeu a mistagogia como modelo de iniciação em oposição consciente ao gnosticismo. A mistagogia afirmava a bondade da criação e a historicidade de Jesus; garantia a acessibilidade universal da salvação, contra o elitismo gnóstico; rejeitava o dualismo metafísico e a desvalorização do corpo e da história. Então, ao adotar uma linguagem mistagógica — ainda que ressignificada —, a Igreja não apenas se apropriou de elementos culturais helenísticos, mas também os colocou a serviço de uma visão encarnacional e comunitária da fé, em claro contraste com a fuga do cosmos proposta pelos gnósticos.

A mistagogia cristã e o itinerário gnóstico representam duas respostas distintas à pergunta sobre como o ser humano pode encontrar o divino. Enquanto o Evangelho de Judas propõe um caminho de fuga do cosmos mediante um conhecimento secreto, a mistagogia propõe um caminho de encontro com Deus na história, na comunidade e nos sinais materiais. A escolha da proto-ortodoxia pela mistagogia não foi meramente litúrgica ou pastoral, mas teológica e polêmica. Trata-se de uma afirmação clara de que a salvação não está na rejeição do mundo, mas na sua transformação a partir do

Mistério de Cristo. Dessa forma, longe de serem apenas dois estilos de espiritualidade, mistagogia e gnose representam duas antropologias, duas cosmologias e, em última instância, duas compreensões opostas do que significa ser salvo.

8. Um olhar teológico diferente

A leitura do Evangelho de Judas impõe desafios que ultrapassam a mera exegese comparativa com os textos canônicos. Ela provoca uma reavaliação das categorias de “traição”, “sacrifício” e “redenção” dentro da tradição cristã. O texto gnóstico propõe uma inversão radical dos polos valorativos, na qual o gesto condenado pela ortodoxia converte-se em ato redentor. Essa inversão não constitui simples subversão, mas uma hermenêutica alternativa da cruz. No horizonte gnóstico, o sofrimento e a morte de Jesus não são meios de expiação, mas sinais da libertação do espírito aprisionado na matéria. Judas, ao “sacrificar o homem que veste Jesus”, atua como mediador dessa libertação — um sacerdote cósmico cujo gesto ritual assegura a dissolução do vínculo entre o Cristo e o corpo corruptível. Do ponto de vista teológico, essa concepção tensiona o núcleo da soteriologia cristã, deslocando o eixo da fé para o conhecimento ou gnosis e substituindo a graça pela consciência iluminada. Se na tradição canônica a salvação aparece como dom gratuito, no Evangelho de Judas ela aparece como conquista de uma elite espiritual que reconhece sua origem celeste. Esse contraste lança luz sobre a pluralidade do cristianismo dos séculos II e III, em que diversas comunidades disputavam não apenas a memória de Jesus, mas também o significado de sua morte. Judas torna-se, nesse contexto, o “intérprete privilegiado” de um Cristo gnóstico: aquele que entende o sentido oculto do drama pascal e participa de sua realização.

Hermeneuticamente, o texto revela o poder simbólico da narrativa em moldar teologias. Ao converter o traidor em herói, o evangelho gnóstico questiona a rigidez das categorias morais e sugere que todo símbolo religioso pode ser passível de ressignificação. Assim, o Evangelho de Judas não seria apenas um testemunho do gnosticismo, mas também um exercício sofisticado de teologia narrativa. Ele mostra que a fé, a dúvida e o conhecimento podem coexistir em tensão criativa dentro da tradição cristã. Talvez por isso o riso de Jesus, que perpassa todo o texto, possa ser entendido como o riso do mistério: o reconhecimento de que o divino escapa a toda fixação dogmática e que a verdade, no limite, se revela apenas a quem ousa olhar para Judas não como traidor, mas como espelho da condição humana em busca de luz.

9. Considerações finais

A análise empreendida ao longo deste artigo permitiu constatar que o Evangelho de Judas opera uma reconfiguração profunda na tradição recebida acerca do Iscariotes. Enquanto os textos canônicos se dedicam a investigar as causas da traição, perscrutando motivações humanas como a cobiça (Marcos e Mateus) ou forças demoníacas (Lucas e João), o texto gnóstico promove um deslocamento hermenêutico fundamental. A pergunta central deixa de ser “por que Judas traiu?” para se tornar “para que Judas entregou Jesus?”. Esta transposição questiona a própria essência da personagem, transformando-

-a de vilão arquetípico em herói cósmico e mestre iniciático. Judas é apresentado como o discípulo que possui a gnosis, capaz de reconhecer a origem transcendente de Jesus e de ser o receptáculo dos mistérios mais elevados. Seu ato de entrega é ressignificado como um sacrifício necessário – o “sacrificarás o homem que me veste” –, um rito de passagem que liberta o espírito de Jesus de sua prisão corporal. Nesta ótica, a traição converte-se no gesto culminante de um itinerário espiritual modelar, que percorre as etapas de despertar, purificação e retorno ao pleroma. A narrativa, assim, revela-se como uma construção literária e teológica sofisticada, destinada a um público interno. Trata-se, inquestionavelmente, de um evangelho escrito por gnósticos para gnósticos, cuja finalidade era legitimar sua cosmovisão e sua comunidade em oposição ao cristianismo proto-ortodoxo em ascensão. O riso de Jesus, motivo que perpassa todo o texto, funciona como uma arma polêmica de desestabilização: é o escárnio dirigido à ignorância dos demais discípulos – representantes da ortodoxia – e, ao mesmo tempo, um convite irônico ao leitor para transcender as aparências e adentrar o mistério.

O que resta, afinal, ao leitor contemporâneo diante deste texto? Talvez, justamente, a possibilidade de rir com o Jesus do Evangelho de Judas (Pereira, 2024, p. 237-253). Não um riso de desdém, mas um riso de gnosis que reconhece a ironia suprema de que a salvação, neste sistema de pensamento, tenha passado pelas mãos daquele que a tradição consagrou como o maior dos traidores. O texto desafia leituras simplistas e convida a uma reflexão permanente sobre a complexidade das tradições religiosas, a plasticidade dos símbolos e os múltiplos sentidos que podem ser inscritos na figura de um único homem. Judas, o décimo terceiro Espírito, permanece, assim, como um enigma que provoca e fascina, desafiando séculos de interpretação e abrindo novas veredas para a compreensão do diversificado cristianismo dos primeiros séculos. O Evangelho de Judas, portanto, longe de ser uma mera curiosidade herética, ergue-se como um monumento literário e teológico que testemunha a vibrante diversidade do cristianismo primitivo.

Referências

- ASSIS, Jean Felipe. Scholarship Overview on Gnosticism and Early Jewish-Christian Writings: (re)mantling Categories about Ancient Religious Phenomena. *Archai: As origens do Pensamento Ocidental*, Brasília, n. 25, e02501, 2019.
- DeCONICK, April. The Mystery of Betrayal: What Does the Gospel of Judas Really Say? In: SCOPELLO, Madeleine (org.). *The Gospel of Judas in Context*. Leiden-Boston: Brill, 2008, p. 239-264.
- FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos: poder e heresias!* Petrópolis: Vozes, 2009.
- MEYER, Marvin. O Evangelho de Judas. In: KASSER, Rodolphe; MEYER, Marvin; WURST, Gregor (org.). *O Evangelho de Judas: o relato secreto da revelação feita por Jesus em conversar com Judas Iscariotes*. Rio de Janeiro: Prestígio, 2006. p. 1-16.
- PEREIRA, Franklin Alves. Quem ri com Cristo ri melhor? O riso de Jesus no Evangelho de Judas Iscariotes. In: DA SILVA, Cássio Murilo Dias; MAURI, Érica Daiane; CATENASSI, Fabrizio Zandonadi; MARIANNO, Lília Dias (org.). *Apócrifos & extracanonicos: contribuições do x congresso internacional de pesquisa bíblica*. Campinas: Alínea, 2024. p. 237-253.
- SONNET, Jean-Pierre. L'analyse narrative des récits bibliques. In: BAUKS, Michaela; NIHAN, Christophe (org.). *Manuel d'exégèse de l'Ancien Testament*. Genève: Labor et Fides, 2008. p. 47-92.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
* 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica